

Universidade Federal de Santa Catarina
Licenciatura em Letras-Libras na Modalidade a Distância

Lodenir Karnopp

E

Carolina Hessel

Metodologia da Literatura Surda



Florianópolis

2009

Unidade 1

ANÁLISE DE LIVROS: ÊNFASE NA LITERATURA INFANTIL SOBRE SURDOS

Em primeiro lugar é importante destacar que, nos livros infantis, o ético e o estético se misturam, se relacionam. Invariavelmente, a bruxa, o monstro, o bandido e outras personagens são extremamente feias, ou até assustadoras, grotescas ou deformadas, fazendo com que a distância física, a repulsa e o medo estejam relacionados. Afinal, a bruxa não é mostrada como alguém cheia de mistérios, enigmática, que conhece e domina saberes, podendo também ser sedutora e atraente (por isso perigosa e ameaçadora)? Como são apresentadas a fada, a princesa, a mocinha? Em geral, são magras, loiras, brancas, cabelos longos, parecidas com as barbies... E o príncipe, o mocinho? Também são, em geral, fortes, altos, elegantes, brancos... com características valorizadas socialmente. Como são apresentados os negros? E os índios? Os cegos? E os surdos? Este é o objetivo deste tópico: analisar como são apresentadas as imagens e os textos sobre surdos em alguns livros de literatura infantil.

Por que analisar as imagens e os textos?

Não se trata de analisar simplesmente a qualidade dos desenhos ou dos textos, mas ficar atento aos estereótipos, que limitam e estreitam a forma das pessoas agirem, além de perpetuarem muitos dos preconceitos em relação às pessoas. Nos livros, os estereótipos definem as personagens entre boas e más, simpáticas e antipáticas, leais e desleais... Os livros perpetuam imagens e textos em que as relações de poder são evidentes, mostrando aqueles que ascenderão (e quando) ao poder, aqueles que se estão condenados à marginalidade perpétua, os que terão uma vida regrada, confortável (e até quando)... Enfim, o lugar que os bonitos, magros, ricos (os bons) ocupam neste mundo e o futuro que terão os feios (e maus)... Neste sentido, no momento em que nos deparamos com textos e imagens, torna-se importante interpretar o momento, ampliar os referenciais e não se limitar com estereótipos, não endossar os disparates impostos, não reforçar os preconceitos.

“É buscar talvez no estético o momento de ruptura, de transgressão, onde não haja falsas e tolas correspondências, mas descobertas de toda a sedução encoberta, da beleza e sabedoria a serem reveladas, de padrões que não são os dos chamados países desenvolvidos.” (Abramovich 1989, p. 41.

Como os livros infantis apresentam os personagens surdos?

Karnopp e Machado (2006) analisaram livros de literatura infantil que apresentam as narrativas produzidas sobre os surdos. Observaram que os livros de literatura infantil têm diferenças entre si, segundo a criatividade dos autores, sua compreensão do grupo estudado, dos costumes, da língua de sinais. O estudo realizado por esses autores teve como base o artigo produzido por Silveira (2000) que procedeu a uma análise de sete livros de literatura infantil que tematizam a surdez.

Os livros analisados por Silveira (2000) foram: “Audição” (SUHR & GORDON, 1998); “Os cinco sentidos” (BOSMANS, 1997); “A gente e as outras gentes” (LIMA, 1995); “Nem sempre posso ouvir vocês” (ZELONKY, 1988); “A letreria do dr. Alfa Beto” (CARR, 1988); “Dor de dente real” (TRABBOLD, 1993); “O livro das palavras” (AZEVEDO, 1993). Silveira (2000) verificou que os autores retratam o surdo como ‘deficiente auditivo’, perfeitamente integrado à comunidade ouvinte, sendo usuário de uma língua oral. No texto “Contando histórias sobre surdo(as) e surdez”, a autora analisa livros destinados às crianças e conclui que a visão sobre os surdos e a surdez em tais obras se compõe a partir da representação ‘medicalizada’, vista como deficiência, mas supostamente ‘compensável’ pelo uso do aparelho auditivo e pela leitura labial, conjugando-se tais aspectos a uma visão compensatória da deficiência.

“Não se pode deixar de registrar, entretanto, que todos os livros analisados foram escritos por ouvintes, que narram a surdez a partir de seus filtros sociais, de suas experiências de certa forma alheias ao cerne da vivência culturalmente imersa na surdez.” (Silveira 2000, p. 202)

Partindo da análise realizada por Silveira (2000), Karnopp e Machado (2006) resolveram investigar materiais produzidos no período de 2000 a 2005, que apresentam a língua de sinais e/ou temas relacionados à surdez. O objetivo foi proceder a uma análise dos textos e das imagens da literatura infantil, focalizando os sentidos produzidos sobre identidades e diferenças. Os autores investigaram materiais de literatura infantil que apresentam temas relacionados à surdez e observaram: as temáticas apresentadas e a forma como o material foi disponibilizado aos leitores, a tradução para a língua de sinais, a legenda, a questão da autoria, o endereçamento dos livros, a disponibilização de dicionário e as imagens presentes nos livros.

Publicações em língua de sinais

Livros e materiais digitais, DVD, VHS

Livros de literatura infantil produzidos a partir de 2000, cuja temática esteja relacionada com surdos ou com a língua de sinais são escassos. Há também uma diversidade de formas como eles se apresentam: alguns livros são traduções de clássicos infantis para a Libras, outros são adaptações de histórias clássicas para a Libras com mudanças no roteiro, na história e personagens, em menor quantidade, há livros que são criações. Na pesquisa realizada por Karnopp e Machado (2006) há inicialmente a identificação de um conjunto de materiais que realiza exclusivamente a tradução dos textos da língua portuguesa para a língua de sinais. Através de uma pesquisa realizada na internet, é possível encontrar os livros “Branca de Neve”, “Os Três Porquinhos” e “Chapeuzinho Vermelho”¹ em que, na tradução para a LIBRAS, há a utilização do desenho do sinal como forma de narrar a história. O material utiliza, então, na publicações dos clássicos, o recurso do desenho do sinal com o objetivo de proporcionar a ampliação do vocabulário (já que esse é, em geral, um dos objetivos do ensino de línguas nas escolas).



Retirado de: <http://www.brinquelibras.com.br/>

Quadro 1: Histórias em que a forma de tradução utilizada é o desenho do sinal.

No site <http://www.lsbvideo.com.br/> encontramos fitas VHS, CD/DVD traduzidos para a língua de sinais brasileira por um surdo, em que são explorados os recursos visuais e lingüísticos da língua de sinais, por exemplo: “As aventuras de Pinóquio em LSB” e “Seis Fábulas de Esopo em LSB”. Destacamos a fita “LITERATURA EM LSB”, na qual um ator surdo, Nelson Pimenta, representa um

¹ Disponível em: www.brinquelibras.com.br/ acesso em 01.07.06.

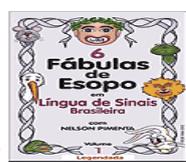
contador de histórias para o público infanto-juvenil. Ele recita quatro poesias de sua autoria, em língua de sinais brasileira, intituladas "Bandeira do Brasil", "Natureza", "Língua Sinalizada e Língua Falada" e "O Pintor de A a Z" e conta uma fábula de autoria de Ben Bahan intitulada "O Passarinho diferente", além das histórias infantis "Os Três Porquinhos" e "Chapeuzinho Vermelho". Consta a informação, na fita, de que o vídeo é sem áudio. (acesso em março 2006).

Nesse mesmo site, há uma diversidade de produtos, jogos, materiais, livros didáticos com o objetivo de divulgar a LSB. Há também textos que objetivam primordialmente a tradução para a LSB, por exemplo, o vídeo "Seis Fábulas de Esopo em LSB" direciona-se a todos aqueles que querem ver ou conhecer as fábulas, bem como aprender ou aprimorar a língua de sinais brasileira, ou seja, surdos e ouvintes que trabalham ou estudam a língua de sinais.

Fita de Vídeo "As Aventuras do Pinóquio em LSB"



Fita de Vídeo "Seis Fábulas de Esopo em LSB"



Fita de Vídeo "Literatura em LSB"



Fita de vídeo "Árvore de Natal"



Retirado de: <http://www.lsbvideo.com.br/> acesso em março 2006

Quadro 3: Histórias em Língua de Sinais Brasileira.

Há também materiais produzidos pelo Ministério da Educação que incluem Histórias Infantis em Língua de Sinais, por exemplo: “Chapeuzinho Vermelho”, “A raposa e as uvas”, “A lenda do guaraná”, “Branca de Neve e os sete anões”, “O curumim que virou gigante”, “A lebre e a tartaruga”, “Hino Nacional em LIBRAS”. Tais produções foram realizadas pelo Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES) e contam com a participação de surdos que realizam a tradução dos clássicos da literatura e do Hino Nacional para a língua de sinais brasileira, disponibilizando também legenda em português. A publicação de “Contando histórias em Libras: Clássicos da Literatura Mundial” (VHS/DVD), um grupo de atores surdos contam as histórias de Patinho Feio, Os Três Ursos e Cinderela, em uma produção que envolve cenário e produção cinematográfica. Sem dúvida, as publicações realizadas pelo Instituto Nacional de Educação de Surdos representam uma das mais relevantes produções brasileiras na área de tradução dos clássicos para a Libras, com ampla distribuição, gratuita. Algumas das publicações do INES, disponíveis em DVD:

EDUCAÇÃO DE SURDOS – 4

Contando histórias em LIBRAS:

Clássicos da Literatura Mundial: Patinho Feio, Os Três Ursos, Cinderela, João e Maria, Os Três Porquinhos, A Bela Adormecida.

EDUCAÇÃO DE SURDOS – 7

Contando histórias em LIBRAS:

Lendas Brasileiras: O Curupira, A Lenda da Iara, A Lenda da Mandioca.

Clássicos da Literatura Mundial – Fábulas: O Leão e o Ratinho, O Corvo e a Raposa, A Cigarra e as Formigas, O Pastor e as Ovelhas.

EDUCAÇÃO DE SURDOS – 9

Contando histórias em LIBRAS:

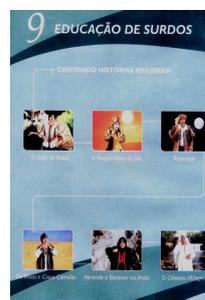
O Gato de Botas, A Roupa Nova do Rei, Rapunzel, Os Trinta e Cinco Camelos, Aprende a Escrever na Areia, O Cântaro Milagroso.

EDUCAÇÃO DE SURDOS – 10

Contando histórias em LIBRAS:

Dona Cabra e os Sete Cabritinhos, As Fadas, O Príncipe Sapo, A Galinha Ruiva, A Galinha dos Ovos de Ouro, O Cão e o Lobo.

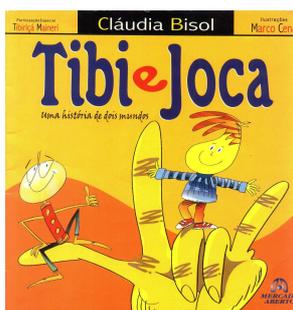




Livros de literatura infantil

Quanto à análise de livros impressos é possível encontrar uma diversidade de abordagens. Os livros analisados foram os seguintes: Tibi e Joca (Bisol, 2001), A cigarra e as formigas (Oliveira; Boldo, 2003), O Som do Silêncio (Cotes, 2004), Cinderela Surda (Hessel; Rosa; Karnopp, 2003), Rapunzel Surda (Silveira; Rosa; Karnopp, 2003), Adão e Eva (Rosa; Karnopp, 2005), Patinho Surdo (Rosa; Karnopp, 2005).

O livro “Tibi e Joca – uma história de dois mundos” (Bisol 2001) conta com a participação especial de um surdo, Tibiriçá Maineri. Na apresentação lemos:



“Esta história de um menino surdo é parecida com a de muitas outras crianças que nasceram ou ficaram surdas. Dúvidas, desespero, culpa, acusações, sofrem os pais. Solidão, um imenso sem-sentido, um mundo que teima em não se organizar, sobre a criança. O que fazer?” (Bisol, 2001, apresentação)

No desenvolvimento da história, observamos que o personagem é um menino surdo que nasceu em uma família com pais ouvintes. Todos passaram por momentos difíceis até que começam a usar a língua de sinais.

O texto é rico em ilustrações e, além da história registrada na língua portuguesa, há um boneco-tradutor que sinaliza as palavras-chave de cada página, que permitem ao usuário da Libras acompanhar a história.

Um outro conjunto de livros impressos de literatura infantil é possível encontrar no KIT LIBRAS É LEGAL. Há cinco livros que cumprem uma função prioritariamente didática. Os livros são ilustrados, apresentam a sinalização da Libras em desenhos, a escrita da língua de sinais e o português. Observe a descrição de cada um dos livros:

“VIVA AS DIFERENÇAS” é um livrinho que fala, de forma simples, sobre a diversidade do ser humano. Discutir as diferenças em sala de aula é uma oportunidade de semear valores como o respeito e a solidariedade entre as crianças, indispensáveis a sua convivência em grupo.

“CACHOS DOURADOS” é um clássico da literatura infantil que faz parte do universo de muitas crianças ouvintes. Agora as crianças surdas podem conhecer essas histórias contadas por seus pais e professores através do registro em Libras.

“IVO” é uma oportunidade de trabalhar algumas noções de cidadania com os alunos, pois os documentos pessoais são uma maneira de nos inserirmos à sociedade atual e dela participar. A história infantil oferece inúmeras possibilidades de trabalhar diversos conceitos a ela relacionados, tais como família, saúde, trabalho, educação, política entre outros.

“HISTÓRIA DA ÁRVORE” é uma piada muito conhecida na comunidade surda, que vem sendo contada e recontada. Com humor ela traz uma mensagem muito interessante de respeito às diferenças individuais.

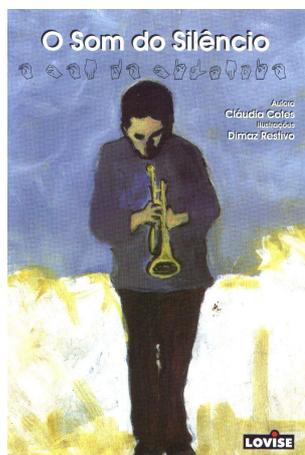
(<http://www.libraselegal.com.br/index1.php>)



A história “A cigarra surda e as formigas” – escrita por duas professoras de surdos, Carmem Oliveira e Jaqueline Boldo, uma ouvinte e a outra surda, respectivamente – apresenta como tema a importância da amizade entre surdos e ouvintes e faz um apelo ao final da história “Amiguinhos precisamos respeitar as diferenças.” (Oliveira; Boldo, s.d.)

Na apresentação do livro, uma das autoras enfatiza que essa história foi fruto do trabalho realizado em sala de aula, onde houve uma apresentação teatral por crianças surdas, em Libras, e também a produção do texto em *sign writing* e na língua portuguesa. O livro foi produzido manualmente e as ilustrações foram realizadas por um aluno. Apresenta – nas páginas em numeração par – três possibilidades de leitura: a) através da língua portuguesa, b) através do desenho do sinal c) através da escrita do sinal (SW). Percebemos que, no livro, não está totalmente legível a escrita dos sinais, provavelmente por ter sido produzido manualmente. Além disso, nas páginas ímpares, há ilustrações que remetem ao desenvolvimento da história.

O livro “O som do silêncio” (Cotes, 2004) conta a história de uma menina surda que não tem medo do barulho.



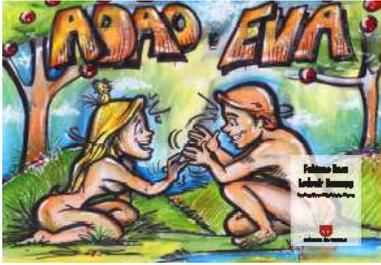
“Inspirada em uma história real, a fonoaudióloga e escritora criou a personagem Amanda, uma menina surda que ensina aos colegas de escola a importância do som do silêncio. O enredo gira em torno de um passeio ao fundo do mar. Acostumadas com barulhos, as crianças se assustam com o silêncio das águas, menos Amanda, que, maravilhada com cores e peixes, brinca à vontade. “É nesse momento que crianças e adultos percebem o quão maravilhoso pode ser o mundo das Amandas, das crianças que não ouvem e que, nem por isso, deixam de sonhar”, conta Cláudia.” (retirado de <http://www.vezdavoiz.com.br/>)

O tema explorado no livro é “o som do silêncio”, ou seja, a questão musical, dos sons e dos ritmos, conforme evidencia a imagem da capa que apresenta uma pessoa com instrumento de sopro. O livro é ilustrado e na forma de apresentação do texto, em português, a rima e o ritmo nos versos escritos são explorados, por exemplo: “Na casa do Reinaldo, nasceu a Amanda, que já era amada muito antes de ser gerada” (Cotes, 2004). Traz a ideia de superação no mundo das crianças que não ouvem. Mostra uma visão compensatória da surdez, evidenciando que não há dificuldades que não possam ser superadas. Além disso, o desfecho da história revela o segredo de Amanda: “É que ela era uma sereia, do fundo do mar!!!”

Não há tradução para a Libras, apenas na capa aparece a soletração manual do título da história. O livro faz parte do kit que objetiva tratar da inclusão de crianças deficientes. Nesse kit, os livros infantis têm como personagens crianças surdas (através da história “O som do silêncio”) e cegas (através da história “Parque quebrado, olho fechado” – um livro escrito em Braille²). Além desses dois livros, encontramos ainda um CD, com músicas, e um livro de atividades intitulado “A vez da voz”, com o seguinte comentário: “Um livro de atividades promovendo a interação entre crianças ouvintes e não ouvintes. Acompanha um CD com músicas e histórias.”

Outros livros analisados foram “Cinderela Surda” (Hessel, Rosa, Karnopp 2003), “Rapunzel Surda” (Silveira, Rosa, Karnopp 2003), “Adão e Eva” (Rosa, Karnopp 2005) e “Patinho Surdo” (Rosa, Karnopp 2005) que registram histórias dos

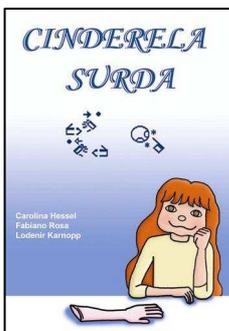
² Na capa do kit “Vez da Voz” aparece o seguinte comentário para o livro “Parque quebrado, olho fechado”: “Um livro escrito em Braille, mostrando que uma criança com os olhos fechados pode sonhar, sonhar...”. Os autores pretendem mostrar o mundo de quem é cego.



clássicos da literatura, com uma aproximação com as histórias de vida e as identidades surdas. Traduzir as histórias que são contadas em língua de sinais na comunidade de surdos foi o objetivo inicial dos autores desses livros. Para isso, foram filmadas algumas histórias contadas em língua de sinais, que foram posteriormente registradas na escrita da língua de sinais e traduzidas para a língua portuguesa. No livro “Adão e Eva”, os autores contam a origem da língua de sinais e salientam que versões dessa história são recorrentes na comunidades de surdos. Na história, após comer a maçã, o casal percebe sua nudez e começa a usar a fala, já que as mãos estão ocupadas em esconder os corpos desnudos. Não se sabe se Adão e Eva eram surdos ou ouvintes, pois o livro não pontua isso. O objetivo é refletir sobre a possibilidade de as línguas de sinais serem utilizadas por diferentes comunidades, sejam elas ouvintes ou surdas. As ilustrações são em preto e branco e há um glossário ao final do livro.

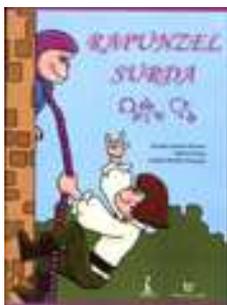


O livro “Patinho Surdo” (Rosa e Karnopp 2005) conta a história de um patinho surdo que nasceu em um ninho de ouvintes. Ao reencontrar surdos e aprender com eles a Língua de Sinais da Lagoa, descobriu sua história de vida. O texto aborda as diferenças lingüísticas na família e na sociedade, além de apresentar a importância do intérprete na comunicação entre surdos e ouvintes. As ilustrações são em preto e branco e há um glossário ao final do livro.



“Cinderela Surda” faz uma releitura do clássico “Cinderela” e apresenta aspectos da cultura e identidade surda. O texto está numa versão bilíngüe, ou seja, as histórias estão escritas em português e também na escrita da língua de sinais (*sign writing*). As ilustrações acentuam as expressões faciais e os sinais, destacando elementos que traduzem aspectos da experiência visual. Nesse livro, as ilustrações ocupam uma página e a outra registra a história em *sign writing* e na língua portuguesa.

“Rapunzel Surda” tematiza a aquisição da linguagem e a variação lingüística nas línguas de sinais. Quando nasceu, a menina foi raptada pela bruxa e viveu muitos anos escondida e isolada em uma torre. Diz o texto:



“Passaram-se os anos, Rapunzel cresceu e a bruxa percebeu que a menina não falava, mas tinha uma grande atenção visual. Rapunzel começou a apontar para o que queria e a fazer gestos para muitas coisas. A bruxa então descobriu que a menina era surda e começou a usar alguns gestos com ela.” (Silveira, Rosa, Karnopp 2003, p. 12)

Isolada em uma torre, longe dos pais e do convívio com outras pessoas, Rapunzel tinha contato somente com a bruxa, que a raptara. Na história de Rapunzel, não há um ambiente lingüístico para a aquisição e o desenvolvimento da linguagem, não há usuários da língua até que ela felizmente encontra o príncipe. A partir disso, começa a se apropriar dos sinais. Diz o texto “A bruxa começou a desconfiar que alguma coisa estava acontecendo, pois Rapunzel de repente estava usando muitos sinais.” (p. 24).

As histórias, Cinderela Surda, Rapunzel Surda e Patinho Surdo, tematizam a importância da língua de sinais, da cultura e identidade surda. Remetem-nos também, essas histórias, ao fato de os surdos pertencerem a uma comunidade que, em situação de fronteira, acarreta

“Estar total ou parcialmente ‘deslocado’ em toda parte, não estar totalmente em lugar algum (ou seja, sem restrições e embargos, sem que alguns aspectos da pessoa ‘se sobressaiam’ e sejam vistos por outras como estranhos), pode ser uma experiência desconfortável, por vezes perturbadora. Sempre haverá alguma coisa a explicar, desculpar, esconder ou, pelo contrário, corajosamente ostentar, negociar, oferecer e barganhar. Há diferenças a serem atenuadas ou desculpadas ou, pelo contrário, ressaltadas e tornadas mais claras. As “identidades” flutuam no ar, algumas de nossa própria escolha, mas outras infladas e lançadas pelas pessoas em nossa volta, e é preciso estar em alerta constante para defender as primeiras em relação às últimas. Há uma ampla probabilidade de desentendimento, e o resultado da negociação permanece eternamente pendente. Quanto mais praticamos e dominamos as difíceis habilidades necessárias para enfrentar essa condição reconhecidamente ambivalente, menos agudas e dolorosas as arestas ásperas parecem, menos grandiosos os desafios e menos irritantes os efeitos. Pode-se até começar a sentir-se *chez soi*, “em casa”, em qualquer lugar – mas o preço a ser pago é a aceitação de que em lugar algum se vai estar total e plenamente em casa. (Bauman 2005, p. 19-20)

A experiência de viver em contato com duas ou mais línguas possibilita o movimento das pessoas em universos lingüísticos diferentes.

Conclusão

Os materiais analisados apresentam objetivos, textos, ilustrações e formas diferentes de apresentação dos surdos e da língua de sinais. Alguns têm o objetivo de realizar a tradução de textos clássicos para a LIBRAS, outros apresentar histórias da cultura surda em língua de sinais, em vídeo.

Os materiais impressos são também diversificados em relação aos objetivos, à forma de apresentação e ao modo como narram os surdos nos enredos apresentados. A maioria dos livros (mas não a totalidade!) conta com a participação de surdos autores/ilustradores. No entanto, além da tradução, alguns abordam temas relacionados à vida dos surdos.

As histórias e as representações da cultura surda, caracterizada pela experiência visual, são corporificadas em livros para crianças de um modo singular, em que o enredo, a trama, a linguagem utilizada, os desenhos e a escrita dos sinais (SW) evidenciam o caminho da auto-representação dos surdos na luta pelo estabelecimento do que reconhecem como suas identidades, legitimando sua língua, suas formas de narrar as histórias, suas formas de existência, suas formas de ler, traduzir, conceber e julgar os produtos culturais que consomem e que produzem.

A literatura surda está presente em alguns livros de literatura infantil e é socialmente relevante o registro de histórias, pois pode proporcionar, principalmente às escolas, um material baseado na cultura das pessoas surdas. O trabalho de registro de histórias contadas por surdos é necessário e relevante. Registrar a ficção e o imaginário dessa comunidade, envolvendo surdos e tradutores no registro das histórias em sinais tem evidenciado uma maior aproximação com a criação e constituição de uma diferença política.

UNIDADE 2 CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

Nesta seção vamos estudar a forma de transmissão das histórias, observar algumas dicas do ato de contar histórias em sala de aula e ler ainda a importância da imaginação. Selecionamos alguns textos que apresentam essas temáticas e propomos que você, tendo como base a leitura deste tópico, realize as atividades propostas no Caderno de Estudos e possa encontrar subsídios para contar histórias nas aulas de língua de sinais.

Sugerimos que você olhe o material da LSB Vídeo sobre a contação de histórias em língua de sinais (disponível em seu pólo).

Histórias percorrendo tempos

Antes da escrita, as histórias contadas nas línguas orais eram transmitidas oralmente. Naquela época, era muito importante que as pessoas guardassem na memória as histórias para que pudessem transmitir às futuras gerações, seus filhos, amigos e netos, toda a fantasia e conhecimento presentes nessas histórias. Em geral, as pessoas mais velhas eram aquelas consideradas mais sábias, uma vez que acumulavam mais conhecimentos, experiências e histórias.

O ato de contar histórias é um hábito tão antigo quanto a civilização e esteve presente em diferentes culturas, atuando como um dispositivo para a aprendizagem de forma lúdica e afetiva. Acontecia em “serões” noturnos. Essa era a diversão da época, quando não havia luz elétrica, TV, cinema... Com o surgimento de escolas abertas a todos e a transferência de um número maior de famílias para os centros urbanos, o velho hábito de contar histórias correu o risco de desaparecer. Coube então aos escritores coletar as narrativas orais e registrá-las no papel, para que não se perdessem. Com o tempo, algumas dessas histórias se modificaram, mas sempre preservaram a fórmula do divertimento, magia e encantamento. Hoje sua magia ressurgiu quando essas histórias são criadas, lidas e recontadas para as outras pessoas.

Como vimos na disciplina de “Literatura Surda”, as histórias contadas em línguas de sinais por pessoas surdas apresentam uma tradição próxima a culturas que

transmitem suas histórias oral e presencialmente. As histórias contadas em sinais permanecem na memória de algumas pessoas. No entanto, após o surgimento da tecnologia, da gravação de histórias através de fitas VHS, CD, DVD ou de textos impressos que apresentam imagens, fotos e/ou traduções para o português, o registro da literatura surda começou a ser possível principalmente a partir do reconhecimento da Libras e do desenvolvimento tecnológico, que possibilitaram formas visuais de registro dos sinais.

Historieta Poema Popular Português	Retirado de: http://br.geocities.com/contadores_ufrgs/page02.htm
<p>A velha da casa do alto da serra Contava ao menino histórias espantosas A velha dizia que havia na terra Fadas, feiticeiras e bruxas maldosas</p> <p>Mas quando o menino cresceu em idade E trocou a serra pela povoação E foi para a escola que era na cidade Aprendeu coisas tal como são.</p> <p>Passaram-se anos e então... quis voltar E ao subir a serra ficou admirado De encontrar a velha a fiar Tal como nos dias de tempo passado.</p> <p>Quis explicar-lhe então... nessa mesma hora Tudo o que aprendera e tudo o que ouvira Quis dizer à velha que sabia agora Que em suas histórias tudo era mentira.</p> <p>- Tanta coisa, tanta coisa que tu me dizias Histórias tão esquisitas e tão baralhadas Não sei para quê tantas fantasias Se afinal as coisas estão inventadas!</p> <p>- Lembras-te da bruxa que tinha a mania de andar na vassoura de varrer o chão Voando nos ares de noite e dia? Se queria voar.....tinha um avião!</p>	<p>E o conto pateta da princesa bela Que foge do gigante seu amo e senhor E deixa um cuco a falar por ela Como se o cuco fosse um gravador.</p> <p>E aquele rochedo do Ali-Babá Que abria e fechava com certas falinhas Mas que disparate! Agora há portas Que se abrem e fecham sozinhas!</p> <p>A velha ia ouvindo toda a explicação Que parecia nunca mais ter um fim Até que encontrou uma ocasião De poder falar e falou assim:</p> <p>- Se os homens fizeram o que pensaram Sonharam bem antes do realizar E só conseguiram, foi porque o sonharam Sonhos que ninguém queria acreditar.</p> <p>- E os contos de fadas, sempre repetidos De velhos e novos pelas gerações, Traziam em si sonhos escondidos</p> <p>Que os homens guardaram em seus corações!!</p>

Contando histórias em sala de aula

Por Shirlei Torres

Há muitos e muitos anos que a contação de histórias habita o mundo das escolas, mas muitos professores ainda não descobriram o quanto as histórias podem ajudá-los em sua missão de educadores. Muitos utilizam as histórias, quando utilizam, apenas para acalmar os alunos e não vêem as várias possibilidades de uma boa história.

Podemos dizer que o principal objetivo de contar uma história em sala de aula é DIVERTIR, estimulando a imaginação dos alunos. Mas juntamente com este clima de alegria e interesse que a história desperta pode a história atingir outros objetivos, como: educar, instruir, desenvolver a inteligência, ser o ponto de partida para ensinar algum conteúdo programático ou mesmo ser um dos instrumentos para tentar entender o que se passa com os alunos no campo pessoal, pois, muitas vezes, durante a história eles falam do que os está incomodado sem vergonha ou medo, já que se vêem dentro da mesma.

Uma história bem contada pode ajudar o aluno a interessar-se pela aula. Permite, em geral, a auto-identificação, favorecendo a aceitação de situações desagradáveis e ajudando a resolver conflitos. Agrada a todos sem fazer distinção de idade, de classe social, de circunstância de vida.

Quando o professor decide contar uma história é necessário que a escolha com muito cuidado e carinho, pois ela deve ser adequada à faixa etária, ao interesse dos ouvintes, aos objetivos do próprio professor. A escolha da história funciona como uma chave mágica e tem importância decisiva no processo narrativo.

Geralmente, os professores acham que é necessário um talento especial para contar histórias, mas não é. Todo professor tem dentro de si um contador de histórias, apenas precisa encontrá-lo e aprimorá-lo. Para que isto aconteça pode-se levar em consideração, segundo Malba Tahan, algumas características que um bom contador de histórias deve ter:

1ª - Sentir, ou melhor, viver a história; ter a expressão viva, ardente, sugestiva.

A história deve despertar a sensibilidade de quem a conta, sem emoção, não terá sucesso.

2ª - Narrar com naturalidade, sem afetação.

O vocabulário utilizado deve ser adequado ao público. Na expressão é preciso ser mais claro e objetivo, sendo necessário, às vezes, completar as idéias da história.

3ª - Conhecer com absoluta confiança o enredo.

O contador tem que estar seguro sobre o que vai contar, do contrário é melhor não contar.

4ª - Dominar o interesse do público.

Sempre buscar maneiras de fazer com que os alunos permaneçam concentrados na história.

5ª - Contar dramaticamente.

O contador pode se passar por algum dos personagens ou por todos.

[...]

8ª - Ter espírito inventivo e original.

Contar as histórias com suas próprias palavras – contar o que está velho de forma nova. Se a história for de livro deve ser adaptada, pois a linguagem escrita é diferente da oral.

9ª - Ter estudado a história.

Não é necessário decorar, mas sim testar diversas possibilidades de exploração oral para contar com espontaneidade.

Não se apavore com esta lista que Malba Tahan traz, são apenas dicas que funcionam. Assim como estas, deve haver muitas outras para colocar em prática seu lado contador de histórias. Como foi dito antes, todo professor tem um contador dentro de si próprio e pode vir a encontrá-lo através de tentativas práticas e não teóricas, por isso a chave para descobrir é tentando.

Na utilização da contação de histórias em sala de aula todos saem ganhando, seja o aluno, que será instigado a imaginar e criar, seja o professor, que terá uma aula muito mais agradável e produtiva.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

SILVA, Maria Betty Coelho. *Contar histórias: uma arte sem idade*. São Paulo: Ática, 1986.

TAHAN, Malba. *A arte de ler e de contar histórias*. Rio de Janeiro: Conquista, 1957.

Texto retirado de:

http://br.geocities.com/contadores_ufrgs/

A Imaginação

Por Livia Petry

Ser homem não é somente estar no mundo junto com os outros, limitado em sua existência corpórea, social, histórica, lingüística. Ser homem é ser também capaz de transcendência, de transformar o visto em algo novo, de buscar a unidade essencial da alma, de conectar-se com sua subjetividade e trazer à finitude do mundo fenomênico, o infinito do ser. E uma das formas de buscar esse desvelamento do que é imortal, dá-se através da atividade criadora. Através da criação de um poema, de uma estória, de uma obra de arte o homem constrói a si mesmo, revela novos significados aos materiais que já existiam antes dele, transforma o mundo em que vive, busca a si mesmo e se auto-reconhece. Essa criação porém, ocorre dentro de todo um processo ao qual a imaginação preside. É a imaginação esta faculdade que se coloca além do espaço e do tempo, a responsável pela criação de novas significações e novas imagens dentro da linguagem. E segundo o dicionário Welster a imaginação também é o ato ou poder de formar imagens mentais do que não está realmente presente, do que jamais foi experimentado ou de criar novas imagens e idéias pela combinação de experiências anteriores. Assim, através da imaginação o indivíduo alcança um mundo onde tudo é possível, onde os objetos, diferentes da realidade da percepção, são vistos em sua totalidade, existem em unicidade com seu criador, e dependem muitas vezes das lembranças de quem os imagina. Porém na imaginação não existem limites e nem tudo se revela como fruto do passado. Um exemplo disso é que podemos imaginar um pégaso quando tudo o que conhecemos ou lembramos do mundo real, são cavalos. Pois a imaginação é autônoma e tão importante quanto a percepção e o pensar. Já que é “na imaginação que o homem começa a criar seu universo através de uma cadência rítmica criada pelo artista e que conduz á revelação e ao reconhecimento.” Revelação e reconhecimento dos próprios impulsos com os quais o indivíduo comum não sabe como lidar e que o artista explicita em sua obra dando a eles um tratamento que os ressignifica. Desta maneira podemos enxergar o artista como “o homem criador que consegue pelo poder da imaginação, revelar o sentido oculto das coisas.”

Neste contexto, encontramos a fala de Otavio Paz que citando o poeta inglês Coleridge, nos diz:

“a imaginação é o dom mais alto do homem e em sua forma primordial a faculdade original de toda percepção humana. A imaginação transcendental é a raiz da sensibilidade e do entendimento que torna possível o juízo. A imaginação desdobra ou projeta os objetos e sem eles não haveria nem percepção, nem juízo, assim, desdobra-se e apresenta os objetos á sensibilidade e ao entendimento. Sem essa operação – na qual consiste propriamente o que chamamos de imaginar- seria impossível a percepção. Razão e imaginação não são faculdades opostas: a segunda é o fundamento da primeira e o que permite perceber e julgar o homem. Porém a imaginação é mais do que um órgão do conhecimento, mas também a faculdade de expressá-lo em símbolos e mitos. Nesse segundo sentido o saber que a imaginação nos entrega não é realmente um conhecimento: é o saber supremo. Imaginação e razão, em sua origem uma só e mesma coisa, terminam por se fundir numa evidência que é indizível, exceto através de uma representação simbólica: o mito. Desta forma, além de

ser a condição necessária para toda a percepção é também uma faculdade que expressa mediante mitos e símbolos, o saber mais alto.”

Saber este que leva o indivíduo ao reconhecimento de si mesmo. A imaginação é assim, um órgão que não só possibilita o conhecimento do mundo, mas também o auto-conhecimento.

No processo de descoberta e crescimento, ao imaginar, isto é, ao criar suas primeiras ficções a criança prepara-se para o diálogo. A imagem e o símbolo são nela provisoriamente o *outro* , uma forma de satisfazer seu instinto ainda não desenvolvido, assim á linguagem comunicativa, junta-se a linguagem expressiva: a criança não só deseja transmitir aos outros uma série de informações, como também os segredos de sua interioridade. Para poder expressar-se totalmente usa da linguagem simbólica, que fatalmente nos levará de volta às nossas origens mais íntimas e míticas. Daí podermos afirmar que um dos papéis da imaginação é o de criar imagens que iluminam um espectro mais amplo da consciência. Desta maneira a imaginação é o lugar de emergência do ser e do que de melhor o homem tem, aquilo que faz buscar uma participação com o Criador, originando obras de arte que falam do indivíduo, colocam ordem estética ao mundo das coisas e transmitem os valores de uma época, formando os elos significativos da corrente cultural que prendem os homens ao seu passado e os permitem projetar-se no futuro. Através da imaginação e da criação emergem os valores, dando ao caos da existência, ordem e significado e elevando o homem na sua busca por transcendência, fazendo com que sua criatividade se expresse no que ela tem de eterna.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

FOBÈ, Nair Leme – “ A imaginação e a fantasia no desenvolvimento da criatividade”in “REFLEXÃO” –Vol.16, pgs. 67-83, Campinas .

PAZ, Otavio – “O Arco e a lira” – ed. Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1982.

TREVISAN, Armindo – “Reflexões sobre a poesia” – ed. InPress , Porto alegre, 1986.

Texto retirado de:

http://br.geocities.com/contadores_ufrgs/

< referencia bibliografica >

Contação de histórias. Tendências da literatura infantil contemporânea.

Maria de Lourdes Soares [docente na Universidade do Rio de Janeiro])



Contar histórias é uma arte milenar, presente em diferentes culturas. Embora em textos escritos antigos encontrem-se relatos e fragmentos da tradição oral, a preocupação com o registro escrito e a publicação dos contos populares é de certo modo recente. O sistema de transmissão dos contos não se fez uniformemente, assim como o processo de coleta e fixação, que variou de acordo com as diferentes motivações dos coletores e concepções de fidelidade às fontes. A questão não é simples e põe em debate o estatuto da "oratura" (ou "oralitura") em relação à literatura escrita, o jogo da subjetividade e da objetividade, as relações entre cultura erudita e popular, etc.

Embora a tradição de contar histórias oral e presencialmente tenha diminuído através dos tempos, e as narrativas escritas tenham ampliado o campo de atuação "o maior obstáculo é a impossibilidade de escutar as narrativas, como eram feitas pelos contadores", pois não podem "transmitir os efeitos que devem ter dado vida às histórias" - "as pausas dramáticas, as miradas maliciosas, o uso dos gestos para criar cenas"

(Robert Darnton)³. Na passagem da palavra oral à escrita, embora se ganhe em possibilidades de permanência, perde-se "o grão da voz", como diria Roland Barthes. "Na narrativa oral, a Palavra é corpo: modulada pela voz humana, e portanto carregada de significações corporais; carregada de valor significante. [...]. (Soares, 2007)

De modo semelhante, a literatura surda carrega uma tradição de transmissão da cultura surda, através de histórias que são contadas em línguas de sinais e presencialmente. Há poucos registros da literatura surda e a passagem das narrativas contadas em língua de sinais para a escrita (seja na Escrita de Sinais, seja na tradução para o Português) acaba criando o obstáculo de visualizar as narrativas em sinais, da forma como o fazem os contadores surdos, pois os movimentos e expressões faciais presentes na língua de sinais acabam, de certo modo, sendo imobilizados pela escrita. Claro que a escrita desempenha uma outra função, tendo também um papel extremamente relevante.

A função social dos contos e a importância do papel que desempenham dependem da época e do tipo de sociedade: nas sociedades tradicionais, as reuniões para ouvir e contar histórias eram práticas generalizadas e integralmente coletivas (Simonsen), como a dos contos à lareira dos camponeses do Antigo Regime, estudados por Darnton; na sociedade em que vivemos, essas práticas, restritas à esfera da família e da escola, dirigem-se sobretudo às crianças pequenas. Recentemente, contudo, observa-se uma intensificação dessa atividade, e a narração de histórias vem-se expandindo significativamente, envolvendo diferentes faixas etárias e conquistando outros espaços. No Brasil, notadamente a partir da década de 90, multiplicam-se os contadores de histórias, que, de forma solo ou em grupos, atuam junto a um público variado e em diversos espaços, inclusive em hospitais (a "Associação dos Gritos", por exemplo, conta histórias para crianças em hospitais de São Paulo).

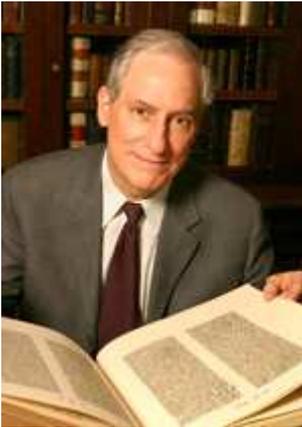
Muitos desses contadores também participam de atividades pedagógicas de promoção de leitura (Oficinas e Cursos para professores e agentes de leitura) e reúnem-se em Fóruns, Maratonas e Simpósios (em Julho de 2006 realizou-se o VI Simpósio Internacional de Contadores de Histórias, no Rio de Janeiro, em torno do tema "Histórias da Mãe Terra - as várias mitologias dos seres e das coisas"). O espaço do

³ www.docedeletra.com.br

encontro de contadores estendeu-se à internet, com a criação de *sites* receptivos à temática (como o www.docedeletra.com.br, no ar desde Julho de 1996).

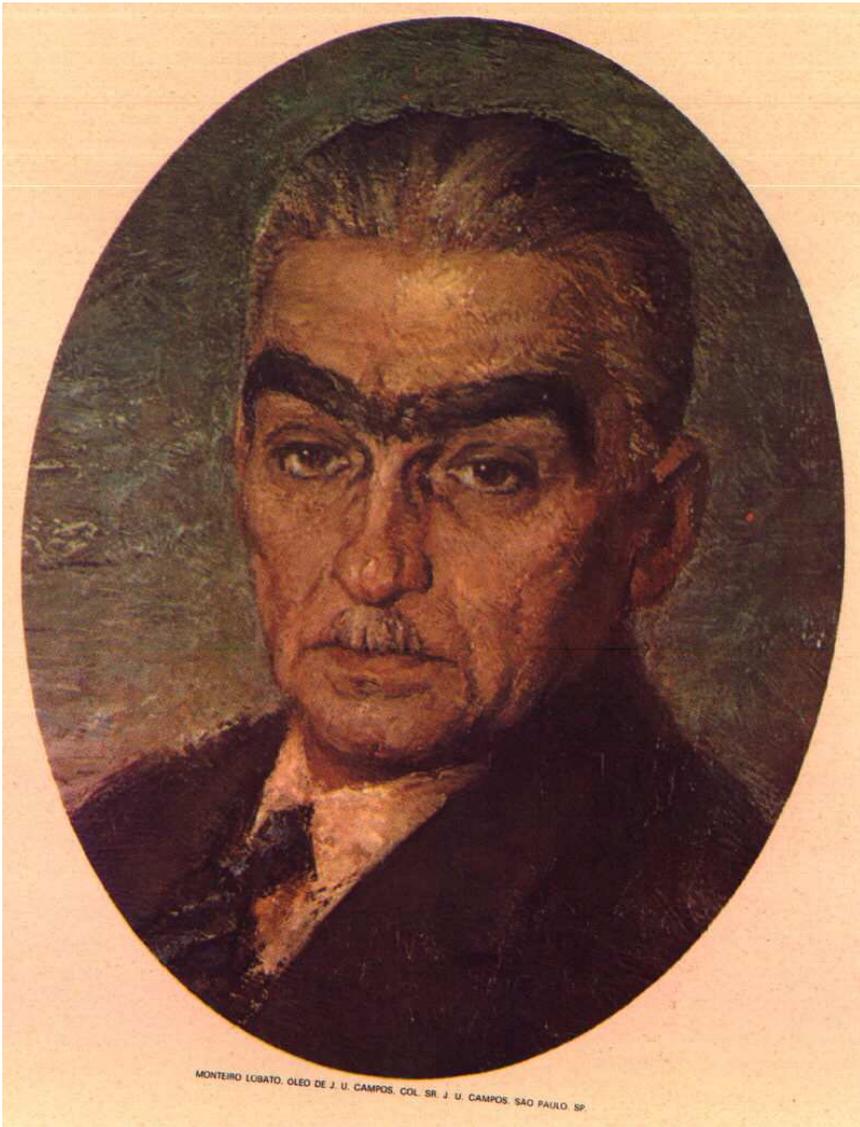
Vale a pena ressaltar que, também nesse âmbito, evidencia-se o pioneirismo de Monteiro Lobato, ao recriar, no *Sítio do Picapau Amarelo* (1920-44), uma prática colectiva de leitura e contação de histórias com aspectos semelhantes à dos antigos contos de serão, em que adultos e crianças, sem distinção de sexo ou idade faixa etária, participavam das reuniões.

<http://www.editonweb.com/Noticias/Noticias.aspx?nid=801&editoria=12&sub=36>
[< comentário >](#)



<comentário:inserir a foto Robert Darnton >

http://www.princeton.edu/pr/pwb/07/1022/m/IMG_6323.jpg



UNIDADE III

LITERATURA BRASILEIRA: SÍTIO DO PICAPAU AMARELO



A literatura do Sítio do Pica-pau Amarelo é famosa no Brasil desde a década de 20; foi criada pelo autor Monteiro Lobato. Não trata da Literatura Surda, mas vamos conhecer um pouco dessa história para conhecer esse universo ficcional e propor atividades de a partir desses personagens. Lobato fez várias obras do Sítio do Pica-pau Amarelo, mas é ampla para conhecermos todas as histórias nessa disciplina, também a maioria delas são longas histórias. Aqui deixaremos um resumo das várias histórias e vamos conhecer quem são os personagens do Sítio. As obras de Monteiro Lobato foram pouco utilizadas na Educação de Surdos. Aproveitamos, então, para trabalhar aqui nesta disciplina. Acreditamos que você já tinha visto recentemente na televisão ou na década 70 e 80. Também há muitas reportagens sobre as histórias do Sítio. Emília é a personagem mais marcante para o público leitor. Apresentamos os personagens mais conhecidos do Sítio do Pica-pau Amarelo:

Emília: Boneca de pano feita por Tia Nastácia. A boneca é da Narizinho. Virou falante, irreverente e divertida.



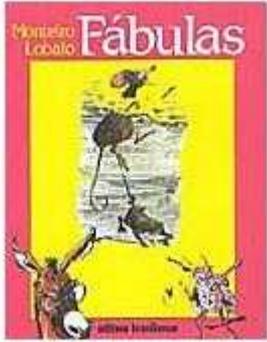
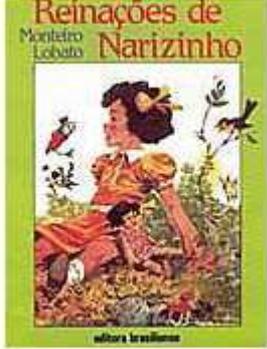
Olá! Estou adorando conhecer aqui no AVEA.

<p>Narizinho: Neta da Dona Benta, é uma menina cheia de curiosidades, mora com a vó e tia Nastácia no Sítio.</p>	
<p>Pedrinho: Primo da Narizinho, neto da Dona Benta. Visita a Vó durante as férias no Sítio do Pica-pau Amarelo.</p>	
<p>Visconde de Sabugosa: É um boneco feito de sabugo de milho. Sempre junto de Emília, Narizinho e Pedrinho. É muito inteligente, um boneco intelectual.</p>	
<p>Dona Benta: Dona do Sítio Pica-pau Amarelo, Vó que sempre conta histórias para seus netos Narizinho e Pedrinho.</p>	
<p>Tia Nastácia: Empregada da Dona Benta, querida por seus netos. Fez a boneca Emília e faz comidas muito gostosas.</p>	<p>Receitas da</p> 

<p>Tio Barnabé: É um homem da roça e mora nas propriedades de Dona Benta, onde ajuda nas diversas tarefas do sítio. É negro e idoso, vive fumando cachimbo e sabe tudo sobre floresta, folclore e superstições.</p>	
<p>Saci: É personagem mais conhecido do folclore brasileiro, conhece os segredos das florestas e conta lendas do folclore brasileiro para Pedrinho.</p>	
<p>Cuca: Vilã da história do Sítio do Pica-pau Amarelo, tem forma de jacaré, com cabelos loiros, gosta de assustar.</p>	
<p>Marquês de Rabicó ou Rabicó: É um porco gordo e guloso, ele morre de medo de Tia Nastácia, que sempre tenta colocá-lo na panela, mas nunca consegue, pois a Narizinho o protege.</p>	

Agora veja algumas obras que Lobato fez:

- 1920 - *A menina do narizinho arrebitado*
- 1921 - *Fábulas de Narizinho*
- 1921 - *O Saci*
- 1922 - *Fábulas*
- 1929 - *O irmão de Pinóquio*
- 1930 - *Peter Pan*
- 1931 - *Reinações de Narizinho*
- 1932 - *Viagem ao céu*
- 1934 - *Emília no país da gramática*
- 1935 - *Aritmética da Emília*
- 1935 - *Geografia de Dona Benta*
- 1935 - *História das invenções*
- 1937 - *Histórias de Tia Nastácia*
- 1939 - *O Minotauro*

 <p>Fábulas</p>	 <p>Reinações de Narizinho</p>	 <p>Alice no País das Maravilhas</p> <p>A Turma do Sítio</p> <p>Editora Rio Gráfica</p> <p>1984</p>
---	--	--

Se você quiser conhecer mais histórias do Lobato, pesquisar na internet e ir à biblioteca de sua localidade para ler e conhecer as obras desse famoso escritor brasileiro.

Resumiremos como algumas histórias são contadas por Lobato. Os personagens Emília, Narizinho, Pedrinho e Visconde participam de uma história e se misturam em outras histórias, como *Fábulas*, *Mitologia*, *Contos de Fadas*, *Lendas*, etc. Mostraremos um exemplo: na obra intitulada *Fábulas* (1922), os personagens do Sítio estão discutindo sobre a fábula *A cigarra e as formigas*; às vezes, os personagens do Sítio se envolvem com os personagens das fábulas. Um segundo exemplo: a obra *Reinações de Narizinho* (1931) mostra algumas personagens dos contos de fadas misturadas com personagens do Sítio; então Emília, Narizinho e Rabicó se encontram com Cinderela e Branca de Neve. Um terceiro exemplo é a obra intitulada *Alice no País das Maravilhas* (1984), em que Emília, Narizinho, Pedrinho e Visconde foram procurar Alice percorrendo o mesmo caminho que Alice fazia: entraram na toca, abriram a porta, viram o Coelho Branco e a Lagarta. Há muitos outros exemplos além das obras que são mostradas nesta unidade, se quiserem conhecer mais, façam pesquisas.

Observem uma pequena história do livro *Fábulas*. Esse livro apresentou duas diferenças em relação à tradicional fábula “A cigarra e as formigas”, que você já deve ter conhecido na disciplina Literatura Surda ou em outro lugar. Leiam o texto intitulado **A Formiga Boa** e, em seguida, **A Formiga Má**, de Monteiro Lobato:

FÁBULAS

Monteiro Lobato

* A cigarra e as formigas

I – A FORMIGA BOA

Houve uma jovem cigarra que tinha o costume de chiar ao pé dum formigueiro. Só parava quando cansadinha; e seu divertimento então era observar as formigas na eterna faina de abastecer as tulhas.

Mas o bom tempo afinal passou e vieram as chuvas. Os animais todos, arrepiados, passavam o dia cochilando nas tocas.

A pobre cigarra, sem abrigo em seu galhinho seco e metida em grandes apuros, deliberou socorrer-se de alguém.

Manquitolando, com uma asa a arrastar, lá se dirigiu para o formigueiro. Bateu – *tique, tique, tique...*

Aparece uma formiga friorenta, embrulhada num xalinho de paina.

– Que quer? – perguntou, examinando a triste mendiga suja de lama e a tossir.

– Venho em busca de agasalho. O mau tempo não cessa e eu...

A formiga olhou-a de alto a baixo.

– E que fez durante o bom tempo, que não construiu sua casa?

A pobre cigarra, toda tremendo, respondeu depois dum acesso de tosse.

– Eu cantava, bem sabe...

– Ah!... exclamou a formiga recordando-se. Era você então quem cantava nessa árvore enquanto nós labutávamos para encher as tulhas?

– Isso mesmo, era eu...

– Pois entre, amiguinha! Nunca poderemos esquecer as boas horas que sua cantoria nos proporcionou. Aquele chido nos distraía e aliviava o trabalho. Dizíamos sempre: que felicidade ter como vizinha tão gentil cantora! Entre, amiga, que aqui terá cama e mesa durante todo o mau tempo.

A cigarra entrou, sarou da tosse e voltou a ser a alegre cantora dos dias de sol.



Agora observem **A Formiga Má**:

II – A FORMIGA MÁ

Já houve, entretanto, uma formiga má que não soube compreender a cigarra e com dureza a repeliu de sua porta.

Foi isso na Europa, em pleno inverno, quando a neve recobria o mundo com o seu cruel manto de gelo.

A cigarra, como de costume, havia cantado sem parar o estio inteiro, e o inverno veio encontrá-la desprovida de tudo, sem casa onde abrigar-se, nem folhinhas que comesse.

Desesperada, bateu à porta da formiga e implorou — espreado, notem! — uns miseráveis restos de comida. Pagaria com juros altos aquela comida de empréstimo, logo que o tempo o permitisse.

Mas a formiga era uma usurária sem entranhas. Além disso, invejosa. Como não soubesse cantar, tinha ódio à cigarra por vê-la querida de todos os seres.

— Que fazia você durante o bom tempo?

— Eu... eu cantava!...

— Cantava? Pois dance agora, vagabunda! — e fechou-lhe a porta no nariz.

Resultado: a cigarra ali morreu entanguidinha; e quando voltou a primavera o mundo apresentava um aspecto mais triste. É que faltava na música do mundo o som estridente daquela cigarra morta por causa da avareza da formiga. Mas se a usurária morresse, quem daria pela falta dela?

Os artistas — poetas, pintores, músicos — são as cigarras da humanidade.

— Esta fábula está errada — gritou Narizinho. Vovó nos leu aquele livro do Maeterlinck sobre a vida das formigas — e lá a gente vê que as formigas são os únicos insetos caridosos que existem. Formiga má como essa nunca houve.

Dona Benta explicou que as fábulas não eram lições de História Natural, mas de Moral.



— E tanto é assim — disse ela — que nas fábulas os animais falam e na realidade eles não falam.

— Isso não! — protestou Emília. Não há animalzinho, bicho, formiga ou pulga, que não fale. Nós é que não entendemos as língüinhas deles.

Dona Benta aceitou a objeção e disse:

— Sim, mas nas fábulas os animais falam a nossa língua e na realidade só falam as língüinhas deles. Está satisfeita?

— Agora, sim! — disse Emília muito gajenta com o triunfo. Conte outra.

Fonte: LOBATO, Monteiro. **Fábulas**. São Paulo, Editora Brasiliense, 1994.

Lembram que já estudaram na disciplina Literatura Surda que muitas histórias, dependendo da época e do local, podem apresentar um final diferente. Essa é mais uma adaptação da tradicional fábula “A Cigarra e as Formigas”.

Vamos agora conhecer uma fábula que foi adaptada para a cultura surda, intitulada *A cigarra Surda e as formigas* (Bardo; Oliveira). O livro é parte do trabalho realizado em sala de aula com crianças surdas, em que as ilustrações, a história e o teatro foram criados pela turma. O livro enfatiza a importância da amizade entre surdos e ouvintes.



Agora leia a fábula tradicional de “A Cigarra e a Formiga”, atribuída a Esopo e recontada por Jean de La Fontaine.

A Cigarra e a Formiga (La Fontaine)

Tendo a cigarra cantado durante o verão,
Apavorou-se com o frio da próxima estação.

Sem mosca ou verme para se alimentar,
Com fome, foi ver a formiga, sua vizinha,
pedindo-lhe alguns grãos para agüentar

Até vir uma época mais quentinha!

- "Eu lhe pagarei", disse ela,

- "Antes do verão, palavra de animal,

Os juros e também o capital."

A formiga não gosta de emprestar,
É esse um de seus defeitos.
"O que você fazia no calor de outrora?"
Perguntou-lhe ela com certa esperteza.
- "Noite e dia, eu cantava no meu posto,
Sem querer dar-lhe desgosto."
- "Você cantava? Que beleza!
Pois, então, dance agora!"
(Origem: Wikipédia)

Agora compare a fábula da Cigarra e da Formiga, contada por Monteiro Lobato e a fábula contada por La Fontaine. Se você tiver acesso ao livro "A cigarra surda e as formigas" podes incluir essa história também na análise. Discuta com seus colegas (atividade opcional).

Quais as semelhanças e diferenças entre as formigas nas duas (ou três) fábulas?

Quais as semelhanças e diferenças entre as cigarras nas duas (ou três) fábulas?

Qual a diferença no final das histórias? Qual a moral em cada uma delas?

Agora observem parte da história da obra *Reinações de Narizinho* (1931), que mostra alguns contos de fadas inseridos em histórias do Sítio do Pica-pau Amarelo, principalmente personagens como Branca de Neve, Cinderela conversando com Emília e Narizinho.

Branca de Neve

Nesse momento o visconde gritou do alto da sua janela:

— Estou vendo outra poeirinha lá longe!...

— Deve ser a minha amiga Branca de Neve — disse a princesa Cinderela. Branca mora perto de mim e quando passei por lá vi que sua carruagem já estava na porta do castelo.

E foi isso mesmo. Minutos depois ouviu-se um *toc, toc, toc*. O marquês abriu a porta e anunciou:

— A princesa Branca das Neves.

Narizinho danou outra vez.

— Branca de Neve, bobo! — corrigiu de passagem, indo receber a recém-chegada.

Introduziu-a, fez as apresentações e levou-a a sentar-se junto de sua amiga Cinderela. Branca reconheceu imediatamente a famosa boneca, apesar de ser a primeira vez que a via.

— Eu trouxe um presentinho para você — disse tirando da bolsa um pacote. É um espelho mágico que responde a todas as perguntas feitas. Tome.

Abriu o pacote amarrado com fita de ouro e deu-o a Emília. Que alegria! A boneca abraçou o espelho, beijou-o, bafejou nele e depois o limpou bem limpo com o seu lençinho de cambraia. Por fim não resistiu à tentação de fazer ali mesmo uma experiência.

— Diga-me, senhor espelho, qual a boneca que conta histórias mais bonitas?

— É a ilustre marquesa de Rabicó! — respondeu o espelho na sua voz mágica.

Emília suspirou. Embora nada dissesse, Narizinho percebeu que aquele suspiro era de tristeza de já ser casada e não poder portanto casar-se com o espelho.

Branca de Neve contou toda a história da sua vida, prometendo vir mais vezes ao sítio brincar com a menina e a boneca. Prometeu também trazer os anõezinhos que a haviam salvado das unhas da má madrasta.

— Onde vivem hoje aqueles sete anõezinhos? — perguntou Emília.

— Vivem comigo no castelo. Tudo lá brilha que nem ouro, porque não pode haver no mundo criaturas mais trabalhadeiras.

— Oh! — exclamou a boneca — por que não dá um deles a tia Nastácia? A coitada vive se queixando de que está velha e precisa de quem a ajude na cozinha.

— Impossível! — respondeu Branca. Eles são sete, e se sair um quebra a conta. A gente não deve mexer com o número sete, que é mágico.

Fonte: LOBATO, Monteiro. *Reinações de Narizinho*. São Paulo, Editora Brasiliense, 1996.

Observem como houve mistura de contos das fadas nesta história, como Cinderela e Branca de Neve aparecem com os personagens de Lobato, Narizinho e Emília. Já existe o livro *Branca de Neve* (<http://www.brinquelibras.com.br/>) para surdos, que é tradução da história

clássica para a Libras. Também temos o livro *Cinderela Surda* (2003), que é uma adaptação. Muitas histórias são adaptadas, traduzidas e produzido para Educação de Surdos, mas ainda há pouco material (literatura) atualmente.

Agora vejam parte da história da obra *Alice no País das Maravilhas* (1984), em que Emília, Narizinho, Pedrinho e Visconde foram procurar Alice para salvá-la. Leia o texto abaixo:



Dona Benta mantinha o Sítio do Picapau Amarelo muito organizadinho. Diariamente, cada uma das pessoas tinha uma porção de tarefas a cumprir. Pedrinho, por exemplo, além de ajudar a ordenhar a vaca mocha, era o encarregado de catar gravetos e lenha para o fogão. Narizinho cuidava da horta e assim por diante. Emília, como ela própria dizia, era a gerente do setor de galináceos. Todo dia, a boneca se incumbia de distribuir milho para as galinhas e quirera para os pintinhos. E à tarde lá ia ela recolher os ovos.

Se a Emília fazia, o Visconde ajudava. Claro, o Visconde nunca entrava no galinheiro, porque galinhas e sabugos de milho não se dão muito bem. E a Emília concordava em entrar sozinha pois entendia que os grãos de milho são filhos dos sabugos. Dizia:

— Pois é, senhor Visconde. Fique do lado de fora. Deve ser muito triste ver os próprios milhinhos, seus filhos, serem comidos pelas galinhas.

Emília fazia o serviço a seu jeito, discutindo com galinhas e pintinhos, e implicando com o galo. Mas fazia. As galinhas engordavam, os pintinhos cresciam e tornavam-se franguinhos fortes, e todas as tardes Tia Nastácia recebia uma cesta de ovos.

Mas houve um dia em que os ovos não apareceram no horário. Em vez disso, chegou o Visconde, vermelhinho de tanto correr, procurando por Pedrinho e Narizinho.

— A Emília está chamando — disse o sabugo assim que conseguiu respirar direitinho. — Quer falar com a gente lá perto do galinheiro.

Narizinho resmungou um pouco sobre essa mania da Emília de ser tão mandona, mas foram todos à procura da boneca. Encontraram-na com um ar misterioso, vigiando o galinheiro de longe.

— Pois bem, senhora Marquesa — falou Pedrinho —, que é que Vossa Alteza quer?

— Pssiu! — fez a boneca. — Tem uma onça dentro do galinheiro.

— Onça? — Pedrinho animou-se imediatamente, pois gostava muito de caçadas e aventuras.

— Como é que você sabe? — perguntou Narizinho. — Você viu?

— Bem — explicou Emília —, faz dias que já estava achando o galinheiro com um ar meio ônceo. Mas hoje ouvi uns miados lá dentro.

— É melhor avisarmos Dona Benta! — ponderou o sensato Visconde.

— Não podemos assustar a vovó — respondeu Pedrinho. — Temos que ter certeza primeiro!

— Então — sugeriu Narizinho —, vá lá dentro do galinheiro e espie!

Mas onças são feras perigosas e Pedrinho amarelou. E ninguém se apresentou como voluntário para ir ver a onça de perto.

— Devia ir a Emília — disse Pedrinho.

— Onças são carnívoras. Não comem bonecas de pano.

— Não, obrigada! — recusou a boneca.

— Com onças nunca se sabe... E essa pode ser uma onça bonequívora!

— Onças não comem milho! — lembrou Narizinho, olhando para o Visconde.

O pobre sabugo suspirou. Na verdade, não tinha nenhum medo da onça, mas as galinhas o apavoravam. Emília insistiu, Narizinho insistiu, Pedrinho insistiu. E lá se foi o Visconde, com cara de cristão entrando na arena romana.

Os outros ficaram de fora. Primeiro, ouviram um alarido entre as galinhas, depois um forte miado. Depois, mais nada.

— Pobre Visconde, caiu como um herói! — exclamou Pedrinho.

— Não devíamos ter deixado ele ir lá! — e Emília começou a chorar.

— É melhor voltarmos para avisar a vovó! — ponderou Narizinho.

Mas não chegaram a fazer nada disso. Antes que tomassem qualquer atitude, o Visconde, todo vitorioso, saiu do galinheiro, carregando alguma coisa nas mãos.

— Tome aqui sua onça, dona Emília — falou



o sabugo, colocando um gatinho aos pés da Emília. — Ainda bem que ele me protegeu das galinhas!

— Ora, Visconde! — indignou-se Emília.

— Eu aqui gastando minhas lágrimas e você aí todo lampeiro. Você me paga!

— Um gatinho, não é, dona Emília? — falou Pedrinho, cortando o assunto. — E a senhora me fazendo perder tempo!

— Esperem, esperem, este não é um gato qualquer — interferiu Narizinho. — É Diná, a gatinha de Alice, aquela do País das Maravilhas.

— E traz um bilhete! — ajuntou Emília, que se pusera a observar melhor o bichinho.

Os meninos ficaram em alvoroço. Eles conheciam muito bem a história: Alice estava em seu jardim, brincando com Diná, quando avistou o Coelho Branco. Seguindo o Coelho, ela entrou por uma árvore oca e foi parar no País das Maravilhas.

— Que diz o bilhete? — perguntou Emília. Narizinho leu:

*"Socorro. Prisioneira do
Zapi das Ravamilhas."*

— Que quer dizer isso?

— Espera, tem mais escrito embaixo!

E Narizinho continuou:

*"Este bilhete está em código porque
pode cair nas mãos do Coelho
Branco. A tradução é a seguinte:
Socorro, prisioneira do País das
Maravilhas! assinado: Alice."*

— Colocar o código e a tradução no mesmo bilhete! — espantou-se o Visconde. — Só mesmo no País das Maravilhas...

— Vamos, temos que achar uma árvore oca e salvar a Alice! — gritou Emília.

UNIDADE IV

LIVROS SEM PALAVRAS



Nesta unidade 4 apresentamos alguns livros infantis sem textos. São livros que mostram apenas desenhos/ ilustrações. Muitos surdos gostam de visualizar as gravuras, apreciam histórias e enredos através de desenhos. Não foi encontrado nenhum livro brasileiro sobre surdos sem textos, por enquanto. Nesta unidade, acreditamos que é importante observarmos atentamente as ilustrações, aprendermos a ler imagens, considerando que muitos surdos apreciam observar detalhes, captando rapidamente o contexto da história.

Livros sem palavras, livros com imagens estão crescendo no mercado da literatura infantil e juvenil ultimamente.

Ziraldo, quando publicou o livro *Flicts*, em 1969, talvez não imaginasse que esse livro provocaria uma revolução na ilustração de livros infantis brasileiros. Em *Flicts*, as imagens não estão à serviço da escrita, mas as imagens e as cores é que esclarece o assunto, que explica a narrativa. “*Flicts* não seria um livro sem as imagens que o compõem, efeito da inspiração artística que levou Ziraldo a produzi-lo.” (Zilberman, 2005, p. 155)

Ziraldo, em 1980, publicou o famoso livro *O Menino Maluquinho*⁴, utilizando um desenho em preto sobre um fundo branco. Houve até um filme dedicado a ele, após o sucesso do livro. *O Menino Maluquinho* apresenta a história de um menino e seu cotidiano. É um moleque sabido, inquieto, sempre em movimento, alegre, brincalhão, beijoqueiro e encantador com as

4 ZIRALDO. O menino maluquinho. São Paulo, Melhoramentos.

namoradas, ótimo jogador de futebol, aluno inteligente, mas pouco disciplinado, ativo... mas também chorava, se entristecia, tinha momentos de solidão! O livro mostra uma criança muito amada, alegre, que está crescendo que se gosta de muita gente e de muitas atividades. Um livro que enfatiza o crescimento pessoal.

Ida e Volta (figura 1), de Juarez Machado, é um livro com 32 páginas e capas, apresentando uma figura diferente em cada página. Cada página apresenta um cenário parado, como banheiro, dormitório, sala de jantar, e também cenas de rua ou de praia. Através da mudança de páginas há a idéia de movimento, pois em cada página encontramos marcas no chão de pés, descalços ou com calçados. Nenhuma palavra precisa explicar o texto, mas a narrativa pode ser obtida através das marcas dos pés que vão contando a história que se segue a cada página, dando a idéia de que há uma pessoa, responsável pelos passos que guiam o leitor. Há um texto, mas construído unicamente através do visual. Então o título *Ida e Volta* é bastante apropriado ao livro, referindo as marcas dos pés na história, que vai sendo contada através de imagens. Com o livro *Ida e Volta*, Juarez Machado, “a exclusividade conferida à ilustração não afasta a obra do campo da literatura”.⁵ Mas é preciso considerar que a adoção de um título, de um modelo de diagramação, por exemplo, apontam para a preferência do livro como uma obra cujo objetivo é divulgar a criação, divulgar as imagens. (Zilberman, 2005, p. 159)

O livro *Ida e Volta* foi “desenhado em 1969 e publicado na Europa em 1975. Um rápido comparar de datas já nos leva a concluir que este tipo de livro teve que vencer algumas barreiras antes de ter o seu valor reconhecido no meio literário. Literário... sem texto?”⁶

Como antes havia preconceitos no julgamento de livros sem textos, também havia a preocupação com o público leitor, afinal, como desenvolver a leitura com livro sem textos? Mas devemos considerar que há muitos livros com textos e a leitura de imagens é tão necessária quanto a leitura de textos! Requer também determinadas habilidades, muitas vezes negligenciada na

5 (Zilberman, 2005, p. 159)

6 (Fonte: DOMICIANO, Cássia; COQUET, Eduarda. 2007)

escolarização. Observar imagens/ ilustrações é um processo de leitura, de análise, de decomposição da totalidade, de observação de detalhes e formação de ideias, de opiniões, de julgamentos. Uma foto, uma história em quadrinhos ou uma imagem desafia a nossa imaginação, proporciona (na maioria das vezes) a construção de ideias que se sucedem, configurando uma narrativa, uma história. A iluminação, o foco, tons, cores, formas, linhas retas ou linhas curvas, o enquadramento, o centro da imagem ou foto proporcionam elementos para a interpretação/compreensão/tradução das imagens. São recursos que possibilitam algumas interpretações e excluem outras interpretações.

Portanto, a leitura de imagens exige muitas competências, das quais não é possível tratar numa só lição. Vocês devem conhecer o filme *Tempos Modernos* de Charles Chaplin. Esse filme usou figuras expressivas para abordar um tema complexo, como a despersonalização do operário. Chaplin usou figuras expressivas e simples para mostrar esse tema: mostrou no filme um rebanho de carneiros em filas e, logo a seguir, uma fila de operários a caminho da fábrica na mesma ordem dos carneiros. Tanto os carneiros quanto os operários são figuras que focalizam a despersonalização, a perda da individualidade, a desumanização do homem no mundo das máquinas. Imagens, figuras que proporcionam elementos para a construção de ideias, de determinados temas. Enfim, como se aprende a ler um texto com palavras, também se pode aprender a ler imagens, ou textos somente com imagens.

Mostraremos alguns autores que fizeram livros sem textos.

Eva Furnari é uma das ilustradoras e escritoras de livros infantis mais conhecidas no cenário da literatura infantil brasileira. Foi professora de artes, antes de ser ilustradora e escritora. Fez várias obras sem textos, como a *Bruxinha*, personagem mais popular de Eva, que nasceu de um trabalho para o suplemento infantil do jornal *Folha de São Paulo*, em 1979. A editora do jornal havia visto um livro sem texto da autora e a convidou para produzir uma tira semanalmente. Ela permaneceu no jornal por seis ou sete anos como produtora de uma tira semanal. Só depois disso surgiu a publicação de seus livros.

Eva Furnari figura entre os contemplados com a sua obra: *A Bruxinha atrapalhada*. Ela diz que considera os livros um tipo de arte e que acha importante fornecer para a criança esse tipo de “alimento”. Outro aspecto que ela enfatiza é que é necessário despertar o interesse da criança, para cativá-la.

O traço, nos desenhos de Eva Furnari, é inconfundível, fugindo ao angelismo e à simples representação “harmônica” dos personagens.

“A ilustração é parte constituinte das publicações endereçadas às crianças. Nos exemplos citados, ela suplanta essa condição, apresentando-se como a matéria principal do livro, a que se subordinam a palavra e a temática. A produção brasileira, representada por artistas como Ziraldo, Juarez Machado, Angela Lago, Elvira Vigna e Eva Furnari, chegou a um nível de excelência que a fez merecedora de toda a consideração.” (Zilberman 2005, p. 163)



Outras obras são espetaculares, por exemplo, a autora francesa Monique Felix criou obras cujo personagem principal é um “Ratinho”. O único personagem, o simpático Ratinho que mora em um livro, rói os papéis para construir a vida, faz barquinho ou avião como meios de transporte etc.⁷

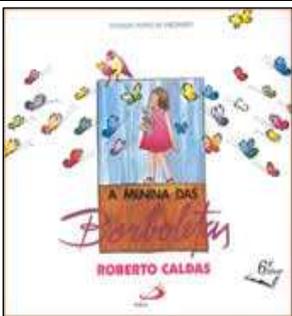


7 Para saber mais sugerimos pesquisar na internet sobre “Ratinho”, da autora Monique Felix.

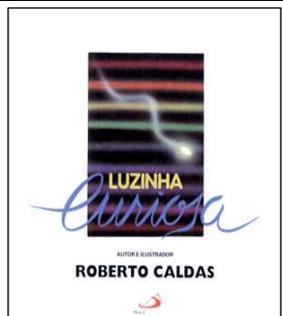
Outras obras interessantes são do autor e ilustrador Roberto Caldas. Mostraremos duas obras: *Luzinha curiosa* e *A menina das borboletas*. *Luzinha curiosa* foi um livro premiado pela Fundação Nacional do livro Infantil e Juvenil em 1992.

A história da *Luzinha curiosa* apresenta um vaga-lume que viaja na escuridão, mas solta luz, como se fosse um cometa moderno, assustando alguns animais como gato, coruja, sapos, lagarto, etc. Certo dia, *Luzinha Curiosa* encontrou outro vaga-lume, se apaixonaram e soltaram mais luzes coloridas. As luzes juntas formaram um coração.

A história *A menina das borboletas*, é uma rica narrativa em imagens e apresenta uma menina que “cultiva uma flor, mas que enfrenta algumas dificuldades para isso, pois, por exemplo, pessoas passam por cima da flor, cachorros fazem pipi. Mas a menina é muito persistente e quer não só uma flor, mas um jardim, e para isso conta com a ajuda das borboletas.”⁸



A menina das borboletas,
Editora Paulus, 1997.



Luzinha curiosa, Editora
Paulus, 1990.

UNIDADE V

CONTOS DE FADAS: CINDERELA



Observem as figuras acima! Todas elas são Cinderelas, mas são iguais? Mesmas histórias? A personagem Cinderela sai diferente em cada obra, algumas até em uma versão diferente, como *Cinderela Surda*. Existe Cinderela criada por Walt Disney e na maioria das obras, a Cinderela é loira, branca, magra. Você já viu Cinderela Negra? Ou Cinderela Asiática?

Escolhemos a história de Cinderela nos contos de fadas, tendo como base a leitura dos textos que vocês realizaram na disciplina de Literatura Surda.

A história da Cinderela⁹ é uma história muito antiga. Não se sabe exatamente onde surgiu, pois ela era uma história oral, contada e não escrita. Sabe-se que ela foi principalmente contada na Europa, em “serões” noturnos, quando as pessoas se juntavam para ouvir histórias. Essa era a diversão da época, já que não havia luz elétrica, não havia TV, não havia cinema... Então contar histórias era alguma coisa muito importante, que distraía e agradava adultos e crianças. Com o surgimento de escolas abertas a todos e a transferência de um número maior de famílias para os centros urbanos, o velho hábito de contar histórias correu o risco de desaparecer. Coube então aos escritores coletar as narrativas orais e registrá-las no papel, para que não se perdessem. Com o tempo algumas dessas histórias se modificaram, mas sempre preservaram a fórmula do divertimento, magia e encantamento. Hoje

9 Retirado no site: <http://www.rizoma.ufsc.br/html/151-of4-st2.htm>
Autores: Carolina Hessel Silveira, Fabiano Souto Rosa, Lodenir Becker Karnopp.

sua magia ressurgem quando essas histórias são lidas e recontadas para as crianças.

Cinderela é um conto de fadas. Os contos de fadas são muito antigos e existem no mundo inteiro – na Índia, na China, no Japão, em lugares muito distantes. Existem muitos contos de fadas, como o Gato de Botas, a Bela Adormecida, o Chapeuzinho Vermelho, Rapunzel. Às vezes se encontram histórias muito parecidas, em lugares muito distantes: seus enredos se repetem em diferentes culturas e nos diversos continentes. Todos eles têm final feliz e sempre apresentam a busca da felicidade, do amor, da riqueza... e sempre há dificuldades para serem vencidas. Os contos de fadas também têm sempre alguma “mágica”, alguma coisa “maravilhosa” que não acontece na nossa realidade, mas que traz o encantamento dos contos de fadas. Há animais que falam, existem fadas e bruxas com poderes extraordinários, sapos que se transformam em príncipes, etc.

Os contos de fadas continuam vivendo porque eles agradam nossa imaginação e nossos sentimentos. Sempre ficamos torcendo pela vitória dos personagens bons sobre os maus e vivendo com eles as dificuldades encontradas. Cinderela está entre as primeiras histórias que conhecemos na infância. Cinderela lança sobre nós um encantamento inesquecível, com sua bondade, com a vitória do bem sobre o mal, com o triunfo dos humildes sobre os orgulhosos. Cinderela conquista a felicidade só depois de superar muitos obstáculos e enfrentar duras tribulações.

Nem todos os contos de fadas têm fadas – elas são criaturas fantásticas, vivem na fantasia, assim como os gnomos e os duendes, que estão no folclore de muitos países, principalmente nas zonas rurais. Dizia-se que elas eram espíritos, anjos decaídos, sobreviventes de uma raça extinta. Achava-se que tinham pouca simpatia pelos humanos e que estavam sempre dispostas a se vingar de quem as ofendesse. Os camponeses as chamavam de “boa gente” em sinal de respeito. (Warner, 1999, p. 13)

Depois de existirem muito tempo como histórias orais, os contos de fadas começaram a ser escritos. Perrault, no final do século XVII (1697), publicou os Contos da Mãe Gansa, onde apareceram, pela primeira vez,

histórias conhecidas até hoje, como Cinderela, Bela Adormecida, Chapeuzinho Vermelho, O gato de Botas, Barba Azul, etc.

No século XIX, os famosos Irmãos Grimm, alemães, recolheram contos de fadas tradicionais junto com velhas pessoas que os sabiam e escreveram esses contos, fazendo muito sucesso. Em seguida, muitos outros pesquisadores também começaram a ouvir histórias do povo e escreveram.

Especificamente sobre a Cinderela, sabe-se que sua versão mais antiga é de uma história contada na China, onde os pés pequenos eram considerados um sinal de beleza. A versão do francês Charles Perrault, de 1697, é que tem fada madrinha, carruagem-abóbora, e o sapatinho de cristal. Nas versões anteriores, transmitidas oralmente, Cinderela recebe a ajuda de sua mãe, cujo espírito se materializa sob forma de peixe, vaca ou árvore. Ao criar a fada madrinha Perrault acrescentou um toque mais poético a essa tradição.

Na versão dos Irmãos Grimm, Cinderela não tem fada-madrinha. O texto é assim contado:

“Um dia, quando já está sofrendo com sua madrasta e suas irmãs, ela pede para o pai trazer um galho de árvore. Ela planta este galho de árvore no túmulo de sua mãe e o galho se transforma numa árvore. Cinderela vai todos os dias rezar no túmulo da mãe e aparece um pássaro branco que atende seus pedidos. Quando aparece a oportunidade do baile, Cinderela diz para as irmãs que quer ir... e as irmãs, de maldade, despejaram uma bacia de lentilhas no meio das cinzas do borrarho (algo assim como uma lareira) e disseram que ela tinha que juntar todos os grãos. Ela pede ajuda para as pombinhas e aves do céu, que ajudam a Cinderela. Quando a madrasta e as irmãs saem para ir ao baile, a Cinderela vai até o túmulo da mãe, sacode a árvore e lá o pássaro branco joga um vestido lindo e um par de sapatinhos. Ela vai ao baile três vezes, faz o maior sucesso, mas sempre foge para o príncipe não descobrir onde ela mora. Mas na terceira noite, o príncipe joga piche (um tipo de cola) na escada e ela perde um sapatinho, que fica grudado no piche. Quando o príncipe foi procurar a moça cujo pé coubesse no sapatinho, a primeira irmã da Cinderela corta o dedão para caber no sapatinho... mas logo começa a cair

sangue do sapato e ela é desmascarada. A segunda corta um pedaço do calcanhar, mas o sapato também começa a sangrar... e o príncipe devolve a moça. Finalmente, se descobre que é a Cinderela a dona do sapatinho.”

O final da versão de Cinderela dos Irmãos Grimm também é violento – no casamento da Cinderela, as pombas que a ajudaram furam os olhos das irmãs que ficam cegas! Geralmente, não se conhece esta versão, porque por muito tempo se julgou que continha elementos muito violentos e agressivos para serem contados às crianças.

Existem muitas outras versões da Cinderela, com elementos mais modernos (Mastroberti, 1997, Cinderela 1993, Coleção Fantasia, entre outros). A própria expressão Cinderela passou a ser utilizada para aquelas moças que realizam um sonho de amor ou de sucesso muito difícil, geralmente através de um casamento.

A história da Cinderela pode ser recontada de muitas maneiras, conforme as culturas e as épocas. O importante é que ela apresenta a história da realização de um sonho de uma pessoa humilde, sonho que é aparentemente impossível!

Vejam duas versões diferentes do autor Perrault e autores Grimm no site:

Versão do Perrault: <http://nonio.eses.pt/contos/perrault.htm>

Versão do Grimm: <http://folkstories.blogspot.com/2005/07/cinderella-verso-dos-irmos-grimm.html>

Será que existe uma única versão da Cinderela Surda? Será já existe outra versão diferente da Cinderela Surda?

Agora vocês podem discutir sobre o que está escrito no texto.

Não somente Cinderela tem versões diferentes, também outros contos de fadas apresentam histórias diferentes, por exemplo, Chapeuzinho Vermelho no final é diferente, em uma história o lobo fugiu após caçador atirar; em outra história o lobo foi morto, cortaram a barriga dele e colocaram pedras dentro.

Tal como Cinderela, muitos escritores e contadores de histórias apresentam inovações diante de uma tradição que lhe oferece modelos e igualmente serve de base ou material para ser permanentemente reconstruído, conforme a cultura, o tempo e o espaço em que vivemos.

UNIDADE VI: POESIA

Na literatura infantil brasileira, Olavo Bilac foi um dos principais poetas, com a obra *Poesias Infantis*, de 1904. No entanto, foi nas últimas décadas que o gênero poético aumentou conforme nos mostra o quadro a seguir.

1943	O Menino Poeta	Henriqueta Lisboa
1962	<i>A Televisão da Bicharada</i>	Sidônio Muralha
1964	<i>Ou Isto ou Aquilo</i>	Cecília Meireles
1968	<i>Pé de Pilão</i>	Mário Quintana
1974	<i>A Arca de Noé</i>	Vinicius de Moraes
1976	<i>A Dança dos Picapaus</i>	Sidônio Muralha
1983	<i>Boi da Cara Preta</i>	Sergio Capparelli
1984	<i>O menino do Rio</i>	Carlos Nejar
	<i>Classificados Poéticos</i>	Roseana Murray
	<i>É isso ali</i>	José Paulo Paes
1986	<i>Um Rei e seu Cavalo de Pau</i>	Elias José
1987	<i>Lua no Brejo</i>	Elias José
1989	<i>Olha o Bicho</i>	José Paulo Paes
1990	<i>Poemas para Brincar</i>	José Paulo Paes
1993	<i>Lé com Cré</i>	José Paulo Paes
1996	<i>33 Ciberpoemas e uma Fábula Virtual</i>	Sérgio Capparelli
1997	<i>Um passarinho me contou</i>	José Paulo Paes
1997	<i>Viva a Poesia Viva</i>	Ulisses Tavares
1998	<i>Receita de Olhar</i>	Roseana Murray
2000	<i>Um Gato Chamado Gatinho</i>	Ferreira Gullar
2001	<i>O Fazedor de Amanhecer</i>	Manoel de Barros

(Fonte: ZILBERMAN 2005, p. 128)

Podemos ver que nos últimos 20 anos aumentou a produção de versos para crianças: depois de 1980 explodiu a poesia para crianças.

A obra *Poemas para Brincar*, de José Paulo Paes, aproxima-se do universo infantil, pois o autor estabelece uma conexão entre brincar e aprender. O livro enfatiza o lúdico: crianças que brincam com bola, animais e diversões típicas da infância. Então a valorização do lúdico na linguagem, por exemplo, a brincadeira com o som das palavras

em poemas (como o “b” e o “p”, em versos como **brincar, bola, papagaio, pião**) direcionou o texto para as crianças a partir da década de 80.

Além disso, muitos poemas inserem animais nos versos, por exemplo: a Arca de Noé, Boi da Cara Preta... Os poemas mostram fatos do cotidiano e do comportamento de pessoas e animais. Vejamos:

O Pato (Mário Quintana)¹⁰

O pato ganhou sapato
Foi logo tirar retrato

O macaco retratista
Era mesmo um grande artista.

O poema *O Pato* tem duas estrofes de dois versos e rimados entre si, o acento recai na palavra final: sapato-retrato e retratista-artista.

Vejamos agora o poema Grilo Grilado:

Grilo Grilado (Elias José)

O grilo
coitado
anda grilado
e eu sei
o que há.

Salta pra aqui,
salta para ali.
Cri-cri prá cá,
cri-cri prá lá.

O grilo
coitado
anda grilado
e não quer contar.

No fundo
não ilude,
é só reparar
em sua atitude
pra se desconfiar.

10 QUINTANA, Mário. *Pé de Pilão*. 5ª ed. Porto Alegre: L&PM, 1980, p. 7.

O grilo
coitado
anda grilado
e quer um analista
e quer um doutor.

Seu grilo
eu sei:
o seu grilo
é um grilo
de amor.¹¹

A mistura da musicalidade e sonoridade aparece em muitos poemas. A *Chácara do Chico Bolacha*, de Cecília Meireles; enfatiza o som da fricativa “ch/ x”. A repetição desses sons no poema estabelece a sonoridade e a musicalidade entre as palavras, no momento em que são faladas:

“Dizem que a **Chácara do Chico**
só tem mesmo **chuchu**
e um **cachorrinho coxo**
que se **chama Caxambu.**”¹²

Cecília Meireles, Henriqueta Lisboa, Sérgio Capparelli são alguns dos escritores brasileiros que exploram a musicalidade e a sonoridade na poesia. O objetivo é abrir espaços à imaginação, é brincar com as palavras. Alguns poemas podem ser considerados “non sense”, para abrir espaços à imaginação, como o poema *A Casa*, de Vinicius de Moraes. Outro exemplo é *Guaraná com Canudinho*, de Sérgio Capparelli.

Uma vaca entrou num bar
E pediu um guaraná.

Outra tendência da literatura infantil é os escritores se apropriarem de formas populares, conhecidas pelas pessoas, usando recursos como o “trava-língua”, acrescentando formas de adivinhas, temas e conteúdos originais como o poema *Roda*, de José Paulo Paes, que faz uma adaptação da tradicional cantiga *Ciranda, Cirandinha*.

11 In: _____. *Um pouco de tudo; de bichos, de gente, de flores*. São Paulo: Paulinas, 1982. p. 7

12 MEIRELES, Cecília. *Ou Isto ou Aquilo*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979, p. 21

Outro exemplo é *História Embrulhada*, de Elias José, baseada na canção infantil *Atirei o Pau no Gato*, conhecida por muitas crianças brasileiras. Vejamos:

História Embrulhada (Elias José)¹³

Atirei o pau
no gato-tô
mas acertei no pé
do pato-tô.

Dona Chica-ca
admirou-se-se
do berrô, do berrô
que o pato deu.

Ouvindo de Dona Chica
a risada-da
o pato ficou prado-dô
e atacou Dona Chica
de bicada-da.

E a poesia surda?

No Brasil, temos poetas surdos que produzem textos poéticos em Libras. Destacam-se algumas traduções, outras adaptações e também criações em Libras. Como vimos na disciplina de Literatura Surda, muitos poemas estão disponíveis somente em vídeos e fitas (DVD, VHS), outros estão impressos. Vejamos alguns¹⁴:

- “Bandeira Brasileira”, “Natureza”, “O pintor de A a Z (História com o alfabeto sinalizado)”. Todos esses poemas você poderá encontrar no DVD intitulado “Literatura em LSB” com Nelson Pimenta, da LSB Vídeo.
- “Árvore de Natal” com Fernanda Machado. LSB Vídeo.

13 JOSÉ, Elias. *Lua no Brejo*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987. p. 11.

14 Você poderá fazer uma pesquisa no YouTube para encontrar mais poemas em língua de sinais.

- Poemas na ASL (A – Z). Você poderá assistir visitando o site: <http://www.youtube.com/watch?v=Rdqf-czXLYw>
- Videoclipe “Cow and Rooster”¹⁵ by Annalee Laird. Disponível no AVEA.
- Videoclipe “Tears of life”¹⁶ by Vivienne Simmons. Disponível no AVEA.

Assim como em outras línguas, a poesia em língua de sinais explora os recursos lingüísticos (na produção de sinais e expressões faciais ou corporais) para obter efeitos estéticos. A forma como os poemas são organizados, bem como os sentidos que se abrem a partir disso, fazem uma quebra com a forma que a linguagem é utilizada no cotidiano. Os poemas podem estar mais próximos ou mais distantes do uso que se faz com a língua de sinais no cotidiano, em geral, fazendo uma ruptura com a regularidade e tornando as formas lingüísticas completamente criativas e novas. Há um uso criativo de configurações de mão, movimentos, locações e expressões não-manuais. O poema se abre para múltiplas interpretações e construções de sentidos.

O texto “Poesia em Língua de Sinais: traços da identidade surda”¹⁷ as autoras, Quadros e Sutton-Spence, analisam o poema de um surdo brasileiro e o poema de um surdo britânico com o objetivo de demonstrar o pertencimento de pessoas surdas às comunidades surdas e comunidades nacionais. O poema de Nelson Pimenta, *Bandeira Brasileira*, produzido na Língua de Sinais Brasileira (LSB) é analisado e comparado com o poema *Three Queens/Três Rainhas*, de Paul Scott na Língua de Sinais Britânica (British Sign Language – BSL).

Além disso, as autoras analisaram, nos dois poemas sinalizados, a forma como a linguagem foi usada para produzir efeitos poéticos. Entretanto, privilegiaram explorar o impacto da poesia no folclore e o seu papel na constituição e tradução da identidade de um povo. (Quadros e Sutton-Spence 2006, p. 112-113)

A produção de poemas e textos literários no âmbito da literatura surda está sendo ampliada através do Letras-Libras, que favorece o contato de alunos e de contadores de histórias, fato que proporciona a divulgação e o aumento da literatura surda no Brasil.

15 “O boi e o galo”.

16 “Lágrimas da vida”.

17 <http://www.editora-arara-azul.com.br/ParteA.pdf>

Referências Bibliográficas

- BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*. Trad.: Carlos Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
- BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Trad.: Myriam Ávila; Eliana L. Reis; Gláucia Gonçalves. 3ª. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2005. (Humanitas)
- BISOL, Cláudia. *Tibi e Joca: uma história de dois mundos*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2001.
- BURKE, Peter. *Hibridismo Cultural*. Trad.: Leila Mendes. São Leopoldo: UNISINOS, 2003.
- COLEÇÃO CLÁSSICOS DA LITERATURA EM CD-ROM EM LIBRAS / PORTUGUÊS. Disponível em: <<http://www.editora-arara-azul.com.br/>>
- COTES, CLÁUDIA. *O som do silêncio*. São Paulo: Lovise, 2004.
- ESTÓRIAS EM LÍNGUAS DE SINAIS. Disponível em: <<http://www.brinquelibras.com.br/>>
- FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Brasília: UNB, 2001.
- GILL, Rosalind. Análise de discurso. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (orgs.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som – um manual prático*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- HALL, Stuart. *A identidade Cultural na Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002, 7ª. Ed.
- HESSEL, C, ROSA, F., KARNOPP, L. B. *Cinderela Surda*. Canoas : ULBRA, 2003. LSB VÍDEOS-DVD. Disponível em: <<http://www.lsbvideo.com.br/>>
- LUKE, Allan. Análise do discurso numa perspectiva crítica. In: HYPOLITO, Álvaro Moreira; GANDIN, Luís Armando (orgs.). *Educação em tempos de incertezas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- OLIVEIRA, Carmen; BOLDO, Jaqueline. *A cigarra surda e as formigas*. Porto Alegre: Corag, s.d.
- PEREIRA, Maria C. Papel da língua de sinais na aquisição da escrita por estudantes surdos. In: LODI, Ana C. B. et al (org.). *Letramento e minorias*. Porto Alegre: Mediação, 2002.
- QUADROS, Ronice e KARNOPP, Lodenir. *Língua de Sinais Brasileira – estudos lingüísticos*. Porto Alegre: ArtMed, 2004.
- ROSA, Fabiano; KARNOPP, Lodenir. *Adão e Eva*. Canoas: ULBRA, 2005.
- ROSA, Fabiano; KARNOPP, Lodenir. *Patinho Surdo*. Canoas: ULBRA, 2005.
- SILVEIRA, C. H., ROSA, F., KARNOPP, L. B. *Rapunzel Surda*. Canoas: ULBRA, 2003.
- SILVEIRA, Rosa H. Contando histórias sobre surdos(as) e surdez. In: COSTA, M. (org.). *Estudos Culturais em Educação*. Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS, 2000
- SILVEIRA, Rosa Maria H. *Cultura, Poder e Educação – um debate sobre estudos culturais em educação*. Canoas: ULBRA, 2005.
- SILVEIRA, Rosa Maria H. Texto e diferenças. In: *Leitura em revista 03*. Ano 02, Janeiro-junho, 2002. p. 19-22.
- SKLIAR, C. A invenção e a exclusão da alteridade “diferente” a partir dos significados da normalidade. In: *EDUCAÇÃO & REALIDADE*, Vol. 24, nº 2 jul/dec de 1999, p. 15-32.
- SKLIAR, Carlos (org.). *A Surdez: um olhar sobre as diferenças*. Porto Alegre: Mediação, 1998.
- SKLIAR, Carlos (org.). *Atualidade da Educação Bilíngüe para Surdos*. Porto Alegre: Mediação, 1999. (vol. 1 e 2)

SOUZA, Regina Maria de. *Que palavra que te falta? Lingüística, educação e surdez.* São Paulo: Martins Fontes, 1998.

VEIGA-NETO, Alfredo (Org.) *Crítica pós-estruturalista e educação.* Porto Alegre: Sulina, 1995.

VEZ DA VOZ – PUBLICAÇÕES. Disponível em:

<http://www.vezdavoiz.com.br/> acesso em junho de 2006

ZILBERMAN, Regina. *Como e por que ler a literatura infantil brasileira.* Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

LEBEDEFF, Tatiana. Reflexões sobre adaptações culturais em histórias infantis produzidas para a comunidade surda. In: ORMEZZANO, Graciela; BARBOSA, Márcia (org.). *Questões de Intertextualidade.* Passo Fundo: UPF, 2005, p. 179-188.

REFERÊNCIAS SUGERIDAS

Sites de Literatura Infantil

- No Brasil

http://members.tripod.com/volobuef/page_maerchen.htm

Site dedicado ao gênero conto de fadas, com imagens e ilustrações de contos de fadas, coletâneas de contos, e indicações de sites e livros em várias línguas que tratam da teoria, história e análise do conto de fadas.

<http://www.docedeletra.com.br>

Revista virtual que traz artigos, fórum de discussão, notícias, entrevistas, links para muitas páginas de escritores e ilustradores de literatura infantil.

<http://caracol.imaginario.com>

Artigos de pesquisadores de literatura infantil.

<http://www.minc.gov.br/textos/olhar/literaturainfantil.htm>

Capítulo sobre literatura infantil, de Elisabeth d'Ângelo Serra para o livro "Um olhar sobre a Cultura Brasileira", de Francisco Weffort e Marcio Souza.

<http://www.fnlij.org.br>

Site da Fundação do Livro Infantil e Juvenil

http://www.terra.com.br/virtualbooks/freebook/freebook_crianca1.htm

Download grátis de livros infantis, diversos títulos.

<http://www.crmariocovas.sp.gov.br/memorial.php>

Página dedicada ao resgate de materiais que constituem a história da educação no Estado de São Paulo com uma seção destinada a Leituras Escolares.

[XIDIEH, Oswaldo Elias. *Narrativas populares.* São Paulo: Edusp; Belo Horizonte: Itatiaia, 1993.](#)

[PEREIRA, Edmilson de A. & GOMES, Núbia P. de Magalhães. *Flor do não esquecimento.* Belo Horizonte: Autêntica, 2002.](#)

ZUMTHOR, Paul. A letra e a voz. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

BOSI, Ecléa. O tempo vivo da memória. São Paulo: Ateliê, 2003.

BERND, Zilá & MIGOZZI, Jacques (orgs). Fronteiras do literário. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 1995.

PRIETO, Heloisa. Quer ouvir uma história? Lendas e mitos no mundo da criança. São Paulo: Angra, 1999.